

Notas e Informações

É preciso ver longe

Enquanto alguns economistas e políticos procuram demonstrar que a duplicação do salário mínimo, além de ter pequenas repercussões econômicas, se impõe como medida de alcance social, um líder sindical dos mais contestados pelo radicalismo de suas posições dá provas de bom senso ao manifestar-se contrário à iniciativa. A sucinta declaração que Jair Meneguelli, presidente da CUT, fez ao *Jornal do Brasil*, em Jerusalém, evidencia descortino e uma forma de aderência à realidade econômica do Brasil raramente encontrada em deputados e senadores. O argumento de Meneguelli é simples e definitivo: a economia não suportará o aumento abrupto do salário minino.

Essa posição não é apenas dele. No próprio partido do sr. Leonel Brizola, há os que são capazes de ver longe. O deputado César Maia, por exemplo, é claro: "Sei o quanto pode um aumento abrupto do salário mínimo desestabilizar uma economia". É disso exatamente que se trata: da desestabilização da economia brasileira, fato que precipitaria a hiperinflação, contribuindo de maneira decisiva para o fim do pacto social, que mal começou a produzir frutos. Não se trata, pura e simplesmente, de combater uma elevação do valor monetário do salário mínimo, que todos sabem estar hoje abaixo de padrões até mesmo sul-americanos. Trata-se de impedir que a pretexto de resgatar uma *dívida social*, se assim se pode dizer, se comprometa o conjunto da economia numa hora em que os investimentos estão em queda e a diminuição do saldo do comércio exterior é já tida como provável.

O que chama atenção nas declarações de Meneguelli, e do próprio César Maia, é o desassombro com que assumem posições que para outros

são temerárias, pois capazes de provocar a ira de alguns iracundos esquerdistas. Na realidade, no caso específico do presidente da CUT, está-se diante de alguém que se identifica com a realidade da classe trabalhadora e por isso mesmo não quer provocar uma crise de desemprego, seja imediata, seja a médio prazo mediante a substituição de homens por máquinas em muitas empresas. Enquanto deputados e senadores buscam granjejar votos, Meneguelli parece preocupado com o nível de emprego — no que mostra ter os pés no chão, e ser dono de uma autenticidade pouco encontrada em muitos empresários.

Essa autenticidade a que nos referimos mede-se concretamente pela coragem de dizer as coisas desagradáveis nos momentos em que todos querem ouvir que o céu é cor-de-rosa. Afora a franqueza sem rebuços, há em Meneguelli a coerência entre o que diz e o que faz. Foi esse tipo de postura diante dos fatos econômicos e políticos que credenciou o PT a representar amplos setores da classe trabalhadora. A representá-los primeiro como oposição e, a partir de 1º de janeiro, como administrador de parte substancial do País (como aliás declarou o presidente da CUT na entrevista a que nos reportamos).

Sem fugir à verdade dos fatos, pode dizer-se que os trabalhadores depositaram confiança no PT e o sentem como partido capaz de defender seus interesses de classe. Da mesma maneira, poder-se-ia dizer, por acaso, que os empresários têm um partido capaz de sustentar os superiores interesses das classes produtoras em nível nacional, ou que se tenham empenhado em constituir um grupo capaz de influenciar a ação dos partidos políticos existentes no sentido da realização de um projeto da classe empresarial?

Infelizmente, não. Não que se pretenda que os empresários, contrapondo-se ao PT, fundem o PE, o partido dos empresários. Seria ridículo, além de aberrar do bom senso e ser contrário à prática liberal. A política, porém, não se exerce somente através dos partidos — e muito menos dos *lobbies*, organizados quando a situação se torna insustentável. O que o empresariado nacional não soube realizar foi o diagnóstico correto dos seus interesses de classe e estabelecer as *políticas* indispensáveis à transformação desses interesses em doutrinas, palavras de ordem ou o que fosse capaz de mobilizar a adesão de camadas próximas ao empresariado. Ou por outra, para usar a palavra "hegemonia" tão em voga, enquanto o PT faz alianças com todos os setores sociais (até com empresários) e difunde pelo corpo da sociedade as suas idéias a fim de tornar-se *hegemônico*, os empresários escondem-se em uma carapaça e dentro dela se queixam do mundo e do avanço ideológico dos adversários. A política, para o PT e a CUT, é a arte de avançar e recuar, sem renegar princípios, e conquistar aliados ideológicos. Para os empresários, não se sabe bem o que seja a política. Preocupados em defender seus interesses setoriais, em conquistar espaços contra os concorrentes, aliam-se ao diabo para evitar que o inferno os trague *agora*.

Por tudo isso, não causa estranheza que a batalha para evitar que a economia seja levada de roldão — e com ela o setor público, como indicamos no último domingo — não esteja sendo travada pelos que maior interesse têm em preservar a ordem social e democrática, mas sim, ainda que de modo não-orgânico, pelos que pensam como o presidente da CUT e o antigo secretário da Fazenda do sr. Leonel Brizola.